

JORNAL: Letras LOCAL: Quamabara

DATA: 04/04/1965 AUTOR: \_\_\_\_\_

TÍTULO: De 7 Artistas de Paris (OCA) à Mostra de Serpa (MAM)

ASSUNTO: Ivan no MAM. Mário Barata analisa e aconselha a visitaçao.

O PÚBLICO que frequenta exposições não pode deixar de visitar as mostras que atualmente se acham abertas no Rio. A de Ivan Serpa, por exemplo, no Museu de Arte Moderna, bem apresentada e pontilhada, com discrição e justeza, por trabalhos que se desdobram através de vários caminhos, no tempo, mas objetivando definir a sua atual e amadurecida visão plástica, afirmada com harmonia nas mutações e nos valores gráficos e contrastantes de uma

## De 7 Artistas de Paris (OCA) à Mostra de Serpa (M. A. M.)

Mário Barata

imagem presente e palpante, é exposição das mais significativas dos últimos anos, no plano da arte brasileira.

Contribuição vinda de Paris, através da revista "Leitura", é outra mostra, exibida na OCA, onde perspectivas diversas da busca de uma linguagem moderna momentaneamente através de fragmentações gráficas, se irradiam ao redor de cinco obras de Maria Helena Vieira da Silva, singular e profunda artista — nascida em Portugal, mas hoje francesa — dotada de forte poder de captação do sensível do espaço e de vivências requintadas de um grafismo cromático, que lhe é peculiar.

A foto da capa do catálogo deturpou e inutilizou os valores da litografia da artista, anulando contrastes e planos diretores de luz e sombras, igualando o conjunto e tornando amorfa e pouco significativa a imagem. O original obedece a hábil gradação de efeitos em que se cruzam os cinzas-oliva e os pretos e se resolvem sintomas espaciais e perspectivos, convergindo para o alto, numa acentuação de vetores.

Outros efeitos de vibração, com incedível requinte, surgem nas serigrafias n.ºs. 18 e 19, na pequena modulação de azul claro ou de verde-opala, através da musicalidade da sua riqueza, tão pessoal, das linhas, nessas obras cantantes em surdina.

A "Família Imaginária", óleo sobre cartão, de 1944, já revela as constantes de vibração da linha, em Vieira da Silva.

Artista diversa, pela diluição sutil das formas, é Anna Shanon, que nos enviou cinco colagens de 1964. Arte delicada em que fibras e texturas de papel pré-humedecido e de granulações e riscos ou letras de fragmentos de jornais servindo de suporte a transparências e a manchas de guaches, variando sobre um fundo tonal, afim às bellissimas soluções de Jeanne Coppel, também em Paris. A imagem concentrada, conta no todo e organiza e enfeixa os efeitos da sutileza cromática.

Atingindo uma linguagem pessoal, através da caligrafia miúda, disposta em retângulos mínimos, estão 5 gauches do jovem português Escada. Já Weissman modela em zinco ou em alumínio imagens planificadas que, às vezes, partem de sugestões visíveis da forte obra de Krajcberg.

Quanto ao holandês Abram, ele manipula, de maneira correta e viril, mas sem brilho especial, o vocabulário da água-forte e talvez da pontaseca, com expressivo senso gráfico, em que os brancos falam muito.

Mostra de câmara, intimista, com altos e baixos, é portanto essa exposição, que nos

trás, graças a "Leitura", pequeno corte — sob o signo da sensibilidade — de setor da imensa produção artística elaborada na capital francesa.

Impeto maior, pelas dimensões e arrumações e pelo contexto, produz a exposição de Serpa, que analisaremos em outra oportunidade. Nesta nota — cuja intenção se limita a chamar a atenção do público para a grande mostra que o MAM atualmente nos oferece — focaremos as grandes cabeças, expressionistas, em negro e branco, às vezes com traços e aparições lividas, criação madura do artista. Ao lado do significado conteudístico que o próprio Serpa lhes dá — de exprimir uma humanidade sofridora, na miséria pungente de muitos seres — surge a solução formal fechada e bem resolvida, no seu equilíbrio geral: desenho livre e gestual (traços), composição centrada e monumental — negras e cores frias, mais ricas e com terras de ócres nos trabalhos mais recentes, às vezes em anti-cromatismo escultórico e quase em fusão neo-clássica e romântica, com sua força expressiva geral e seus olhos melancólicos, suaves, com intensidade contemplativa. Cabeças que exigem distância para serem vistas e que só no largo desenho expressionístico são afins às figuras de Orozco, cujo colorido era mais explosivo. A linha é a dominante, no mundo das figuras do Serpa 1964.

E a sua humanidade é sobretudo uma coisa virtual: o possível trágico, como opção ou limite do real, numa consistência, numa existência que podem se concretizar de diversas maneiras e exprimir um fluxo vital definível ou, ao contrário, indeterminável.

A energia e a vitalidade que essas grandes cabeças exprimem e revelam, são uma nova etapa-criadora da arte de Serpa. Até aqui, o microcosmos, a elaboração artesanal, caracterizavam o seu trabalho, mesmo nas grandes dimensões. Agora uma força metamórfica se desdobra como numa grande reordenação do mundo. O gestual levou o artista a superar ou a abandonar (temporária ou limitadamente que o seja) o belo e o hecênístico do caligráfico em si. Há algo de expressão patente nas grandes dimensões e na tensão vital dos traços e linhas curtas que constituem a trama da imagem final e o jogo do contraste dos negros amplos e da luz exuberante, liberada, genética.

A arte brasileira é, no momento, merecedora do crédito de confiança que a descoberta desse mundo formal e expressivo facilitou a um de seus artistas mais significativos da atualidade.



«Figura» de Ivan Serpa



Pintura — colagem de Ana Shanon